

Z

emanuel

1

E

dimas

9

de

R

melo

9

O

pimenta

6

publicado em
Flash Informatique
EPFL - Universidade de Lausanne
Lausanne, Suíça, 1996
ZERO
Emanuel Dimas de Melo Pimenta

título: ZERO
autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta
ano: 1996

Filosofia, estética, cognição
editor: ASA Art and Technology UK Limited
© Emanuel Dimas de Melo Pimenta
© ASA Art and Technology

www.asa-art.com
www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizada com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por quaisquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia por escrito do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

Para John Wheeler, notável físico Americano responsável pela criação da expressão *buracos negros*, *it surge de bit* – o fenómeno acontece enquanto informação e a fronteira da fronteira nada mais é que zero!

Para usar as próprias palavras de Wheeler, *o limite do limite é zero*.

Quer dizer, tudo é, em última instância, uma questão sensorial.

Mesmo aquilo que nos parece *não sensorial*, matemático e abstracto, é *sensorial* em termos de dedução, indução ou inferência. Assim, a ordem cósmica – o *logos* de Heráclito – nada mais é que o espelho dos nossos próprios sentidos.

Uma ideia que não passou despercebida ao genial Giambattista Vico, séculos atrás.

E, talvez como solução para esse enigma cognitivo, vale lembrar que em Sânscrito a palavra *vac*, nossa raiz etimológica para *voz*, significa simultaneamente *voz* e *divindade*, desnudando uma curiosa e lúcida revelação da ideia de Deus.

Muda-se a paleta sensorial, mudam-se as coisas.

Espelho do espelho na linguagem da linguagem – pele da pele do planeta. Esta, certamente, é – para o nosso cosmos da complexidade e da não hierarquia – a imagem primeira do ciberespaço.

A figura do labirinto que revela a sedutora trama de Ariadne e o Minotauro no procedimento eurístico de Teseu projecta um princípio do acaso e da precisão, do erro e da excelência, que nada mais é que a navegação enquanto estratégia.

Idêntico procedimento sagrado em Osíris: templos cujas paredes são literalmente cobertas por informação. *Templos religião*, ou *templos divindade*, para os quais a iniciação consistia não propriamente na informação de *per se*, mas nos caminhos sagrados a serem descobertos sobre ou através do campo informacional.

Este seria o segredo dos antigos deuses Egípcios.

O mesmo princípio pode ser encontrado na edificação de templos Indianos, onde cada edifício sagrado é a imagem do corpo humano, a representação física de seu cosmos.

Templos informação, destinados ao êxtase da descoberta. Algo equivalente ao *Satori Zen*.

Não teria sido, em termos sensoriais, exactamente essa a condição essencial do ser humano vivendo na floresta, directamente exposto aos desígnios da Natureza?

Caminho e Informação.

Erro e excelência.

Apenas com os dentes do dragão semeados por Cadmo – na tradução do olho pelo ouvido realizada inicialmente pelos Fenícios com a invenção do alfabeto fonético – é que tem início o princípio daquilo que viria a ser a *Paideia* Grega: a *formação* do ser humano.

No ciberespaço, o que funciona é *superinformação* em um labirinto de infinitos percursos possíveis: o fim da ideia de fronteira, de limites, de história, de exército, de igreja e de família em seus sentidos tradicionais.

Dedos que se estendem sem limites, olhos que ultrapassam paredes aparentemente sólidas, paladares que apreciam sabores transportados a velocidades supersónicas.

Olhos, ouvidos, pele, olfacto e paladar lançados em outra escala biológica. Na informação da informação o *templo corpo* contemporâneo na pele do novo ser humano.

O ciberespaço projectado em todas as direcções pelas novas próteses sensoriais gera um novo *corpo* humano em contínua mutação.

Por essa via, deixam de ter sentido as concepções clássicas de limites corpóreos ou mesmo do clássico *livre-arbítrio*.

Tudo passa a ser uma questão de escala simbiótica.

Mas, até porque *fenómeno* nada mais é que *informação – it from bit* – no espelho do espelho daquilo a que se atribui a ideia de cultura o ciberespaço passa a ser o facto concreto e referência quotidiana de uma interessante parcela da população humana.

Não é preciso lembrar que dentro de cerca de apenas quatro anos, no ano 2000, praticamente 20% da população do planeta estará conectada via Internet!

O espectro dessa lógica do labirinto se projecta em tudo, do *design* à arquitectura, da música, das artes gráficas, do ensino ou da economia aos meios de telecomunicação.

O inconsciente, quer se considere individual ou colectivo, enquanto complexo *metamatemático*, mostra-se *máscara – o per sonare* – de uma lógica onde emerge um outro tipo humano, quase medieval: o *analfabeto funcional*.

Para ele, *analfabeto funcional*, não importa a *cultura* – no seu sentido etimológico Indo Europeu que queria dizer *cercar uma presa* – mas apenas informação e, na moda tecnológica, a *hiper-informação*.

Assim, o cosmos planetário, *pós-alfabeto* e massivo, passa a se revelar enquanto *jogo de soma zero*, atomizado e destituído de intenção. Sem história, sem princípios, sem ética.

O *Outro*, estabelecido pela magnífica figura do *teleantropos* de René Berger, manifesta-se *arcaico* – seguramente no sentido do Grego *arkhos* – *não linear, auto montado, auto organizado e caótico*.

Para este, vale a ética da condição humana, no seu sentido global, filtrada por uma lógica da coordenação e da síntese.

Para o analfabeto funcional – submerso em informação sem ordem – vale uma ética exuberantemente desintegrada pela combinação e ausência de síntese de inumeráveis *ethos*.

Para ambos, o direito, tal como a figura do *Estado Nação*, estabelecidos pela lógica Romana da propriedade e da terra, desaparecem, voláteis.

Desaparecem departamentos e classificações estanques. Tudo passa, como neste texto, a se referir a diferentes *janelas* ou *links*.

Como não lembrar o *Mahabharata* quando do terrível momento em que Arjuna se encontra no deserto, bem ao meio de sua família, dividida em duas partes ofensivas, prestes a se destruir? Antes, Gandhari, o rei cego, de olhos vendados, afirmara que quando se prefere os próprios filhos aos filhos dos outros, a guerra está próxima.

Em todo o planeta se encontram, em operação, cerca de noventa mil salas de cinema. Cerca de trezentos milhões de pessoas assistem cinema todos os meses.

Existem aproximadamente setecentos e noventa milhões de aparelhos de televisão espalhados pelas casas em todo o mundo. Isto significa que praticamente metade do planeta assiste televisão!

Actualmente, todavia, todavia, cerca de 50% da população mundial não tem acesso a qualquer tipo de energia comercial. Equivalem a quase três bilhões de pessoas vivendo em condições primitivas, como se ainda não tivessem chegado à Idade Média!

A população planetária cresce a uma ordem de um país como Portugal ou Hungria a cada semana, um México a cada ano e uma China a cada dez anos!

No Zaire – país com cerca de quarenta milhões de habitantes – há um aparelho de televisão para cada mil pessoas! Em Bangladesh – com quase cento e vinte milhões de habitantes – cada exemplar de jornal é disputado por grupos de cerca de cento e trinta pessoas!

Na lógica da complexidade não faz mais sentido qualquer conclusão final; todas as conclusões passam a ser, *a priori*, relativas e provisórias.

Antes, a guerra possuía palco e cenários próprios, geralmente com indiscutíveis derrota ou vitória finais.

Mas, agora!

Uma guerra intestina e quieta, sem começo, meio ou fim, como se acontecesse entre os membros de uma mesma família!

Distribuída na televisão, nas ruas das cidades, nas revistas, nas telas dos computadores, no cinema, nas rádios ou nos livros – a guerra se muta urbana, nanotecnológica e subtil, não mais institucional, mas de domínio público.

O desastre dessa nova guerra não estará mais em alguma bomba em especial – artefacto apocalíptico e teleológico – mas, sim em algum nano erro que se processe em cadeia, como informação.

A lógica anterior, isto é, a *paleta sensorial* anterior, dá lugar a uma nova ordem, a um novo cosmos.

Não mais há, para essa nova estrutura sensorial, apocalipse ou a guerra conhecida como *convencional*. Qualquer guerra convencional se desintegraria em guerrilha. Quer dizer, ainda que a guerra *antiga* possa ser um evento possível, deslocou-se, entretanto, definitivamente do padrão lógico.

O novo padrão de confronto bélico passa, então, a ser o contínuo exercício da busca de identidade em todas as instâncias urbanas – cidades que se estendem vorazmente sobre o campo através das redes de redes de redes de comunicação.

E, talvez, como resposta a uma pergunta brilhantemente formulada por Yves Coppens – será a humanidade capaz de sobreviver sem um fortalecimento moral? – uma outra pergunta: não estaria o fortalecimento da moral, ou dos princípios éticos, directamente relacionado à questão da *identidade*?

Em outras palavras, a violência nada mais é que a busca do estabelecimento de um padrão de identidade.

Mas, o padrão de identidade por excelência, formalizado pela sociedade literária pós Gutenberg, tornou-se o trabalho especializado!

Apenas nos Estados Unidos, nos últimos anos, vêm sendo eliminados mais de dois milhões de postos de trabalho a cada ano. Mais de 75% da força de trabalho nos países industrializados é caracterizada por operações repetitivas, facilmente substituíveis por equipamentos.

Em todo o mundo, somente cerca de 5% das empresas começaram, até hoje, a transição para uma cultura da informática e da automação. Uma transição que deverá tomar um forte impulso dentro de apenas alguns meses.

De 1979 a 1992, a produtividade industrial aumentou 35%, em média, enquanto que o nível de emprego desceu cerca de 15%.

Alguns economistas, como Jeremy Rifkin, anunciam uma nova sociedade com o fim do trabalho.

Nos quatro primeiros anos da década de 1990, a produção industrial mundial terá crescido pouco mais que 100% enquanto que o nível de comercialização desses mesmos produtos terá conhecido um crescimento de mais de 400%.

A perda da função social, estabelecida pelo trabalho especializado, conduz à violência. Por isso, há países pobres violentos e não violentos, e países ricos, igualmente violentos ou pacíficos.

Outro cenário é o das corporações virtuais. Com elas, praticamente todas as pessoas poderiam trabalhar sem precisar de sair de casa. As grandes instituições estariam condenadas e em seu lugar surgiriam incontáveis e efémeras associações digitalizadas.

Redes de redes auto-sustentáveis.

Ambos os cenários não são conflituosos.

A ideia de progresso ilimitado foi produto de uma primeira sociedade tipográfica no século XVII. Uma ideia segundo a qual o *progresso* seria um factor *standard*, uniforme, previsível e planeável – característico na chamada tecnologia da *perspectiva plana*.

Para a era *pós-fronteira*, emerge a questão do *pós-progresso* – quando muito daquilo a que se chamou de evolução não estará mais exclusivamente no futuro, mas também na redescoberta do passado.

Para a *ciberhumanidade*, o passado se torna tão importante quanto o futuro, designando, por essa via, um quadro de fascinante simetria.

Mas, para essa realidade turbulenta e criativa, outra condição essencial – produzida pela supercomunicação aliada à superpopulação – é a ideia da liberdade e todas as limitações que o próprio termo implica.

Na Europa, com vertiginosa rapidez, popularizam-se as portagens electrónicas nas estradas. Recurso que permite, não apenas uma grande mobilidade e velocidade como também o armazenamento de toda a informação de circulação de um vasto número de indivíduos, podendo monitorar a sua movimentação por cidades e países.

Espalham-se pelas ruas de todo o mundo os *caixas automáticos* e cartões magnéticos. Através de seu uso, é possível conhecer e, em certa medida, controlar o comportamento de milhões de pessoas.

Em finais dos anos 1980 foi desenvolvido o cartão magnético activo que permite a localização imediata do usuário dentro de um edifício. Um dispositivo que fascina os órgãos controladores.

Assim, nos primeiros anos da década de 1990 foi desenvolvido o *Global*

Positioning System, destinado a estabelecer uma rede de comunicação com satélites que informam a posição exacta de um veículo numa cidade ou estrada. Pelo outro lado da questão, o *Global Positioning System* também permite identificar e controlar com grande precisão a posição de seu usuário.

O mais impressionante, certamente, é que alguns estudos têm mostrado que a maioria da população, alvo desses equipamentos, gosta desse tipo de controlo, considerando-os não uma limitação à sua privacidade mas antes instrumentos de defesa da sua segurança!

Um antigo ditado Zen diz que se as ideias de uma pessoa são confusas, essa pessoa tornar-se-á escrava das condições exteriores. Resta reflectir sobre a relação dessa sábia afirmação e o labirinto da *super-informação*.

Certamente, o papel das escolas e universidades deverá ser profundamente alterado nos próximos anos – trocando radicalmente os métodos que até então visavam a *informação* por métodos que privilegiem a *formação* do ser humano, constituindo uma nova *Paideia*.

Mas, simultaneamente, aparece uma nova ideia de crime, para uma nova ideia de cultura.

Segundo o Talmud, aquilo que *desaparece da vista é proibido*. Isto é, aquilo que deixa de estar dentro do domínio privado de uma pessoa não mais lhe pertence – o quê, para a cultura Judaico Cristã, significa *dentro do seu domínio visual*.

Parece-me ser exactamente isso o que acontece em Marcel Proust quando, na sua encantadora obra *Em Busca do Tempo Perdido*, mostra-nos que aquilo que sabemos simplesmente não nos pertence.

Não é essa, exactamente, a natureza *líquida* do ciberespaço?

Aquilo que sabemos não nos pertence.

Novos crimes, novas liberdades, novas ideias e novas turbulências, num organismo que não mais conhece a fronteira da intenção no processo de decisão.

No caminho da metamorfose surge um vigoroso pensamento de Lao-Tsé: “«Conhecer é não conhecer: eis a excelência. Não conhecer é conhecer: eis o erro».

Erro e excelência combinados.

A nova fronteira.

Fronteira de fronteiras.

Zero.